



XXV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

18 a 20 Outubro Campinas | Brasil

25 anos

2017



Empresas Transnacionais, IDE e impactos sobre o desenvolvimento econômico: análise comparativa entre Brasil e México.

Fernanda Machado G. Ghno*

Resumo

O trabalho busca analisar os impactos do Investimento Direto Externo nas economias brasileira e mexicana, durante o século XXI, com destaque para o desempenho industrial e o padrão de inserção destes nas cadeias globais.

Palavras-chave:

Investimento Direto Externo, Padrão de Inserção, Desenvolvimento Econômico.

Introdução

Partindo dos estudos sobre Investimento Direto Externo (IDE), temos que este é capaz de modelar a estrutura do sistema de intercâmbio e a estrutura produtiva dos países em que se insere. Com foco neste último ponto, buscou-se investigar o peso da atuação das empresas transnacionais na indústria brasileira e mexicana no século XXI.

Assim, caracterizou-se o processo de abertura e recuperação econômica das últimas décadas, bem como a reestruturação produtiva que tais países passaram, sendo fator de grande importância para a definição do padrão de inserção destes, tanto na economia mundial, como no movimento de expansão das cadeias globais de valor.

Resultados e Discussão

O debate sobre o padrão de inserção do México e do Brasil não pode ser resumido apenas pelo aspecto produtivo. Existe uma gama de interpretações acerca do processo de abertura comercial, financeira e da internacionalização da cadeia produtiva das empresas que levam a conclusões diversas.

No presente trabalho, porém, para analisar esse padrão deu-se destaque para o impacto daquilo que alguns chamam de globalização, cuja uma das faces é o fluxo de Investimento Direto Externo. O recorte deste impacto é o desempenho industrial dos países pela centralidade que este ocupa no processo de desenvolvimento econômico na matriz teórica adotada.

Dados da UNCTAD mostram que o fluxo de IDE subiu muito na década de 90 mundialmente e nos dois países, se apresentando de forma mais volátil após 2001. Após a crise de 2008, o Brasil superou o México como receptor dos fluxos de IDE.

O caso mexicano apresentou em seu início uma abertura vertiginosa e a balança comercial acompanhou esse ritmo, sempre crescendo em exportações e importações, principalmente, em manufatura - o que consolidou a região como maquiladora. Destaca-se, todavia, a baixa integração nacional dos investimentos no país.

Não obstante, vale ressaltar que o fator geográfico tem grande peso nas estratégias adotadas pelas empresas transnacionais, sendo os Estados Unidos o destino de em torno de 80% da exportação mexicana (segundo dados reunidos em www.trademap.org) nos últimos 5 anos.

A inserção está muito associada às estratégias das transnacionais e aos determinantes que levam ao IDE, e, no caso brasileiro, mantém-se nas duas últimas décadas o *market seeking* como o principal fator. Isso não quer

dizer que o Brasil ainda é uma economia fechada, seus produtos têm alto conteúdo importado, porém o valor adicionado pela indústria ainda é mais baixo que a média mundial, e muito das importações são retidas no mercado doméstico.

Desta maneira, podemos entender a tabela abaixo no que concerne aos valores na participação da média mundial, muito próximos da participação geral nas exportações mundiais no caso mexicano 2,30% e 2,04%, no primeiro e no segundo período respectivamente; e valores muito distantes no caso brasileiro 1,04% e 1,25%.

Tabela 1. Exportações mundiais de produtos de alta tecnologia (em milhões de dólares)

	Média de 1995 a 2005	Média de 2005 a 2015	Variação (%)	Participação na média mundial ¹	Participação na média mundial ²
Brasil	3864,88	8593,94	122,36	0,33	0,46
México	23056,9	39039,0	2	4	69,31
Mundo	114825	185647	3,28	9,22	61,67
				100,00	100,00

¹(De 1995 a 2005)

²(De 2005 a 2015)

Fonte: Banco Mundial –<http://data.worldbank.org> (Formulação Própria).

Conclusões

Esse processo de internacionalização é assimétrico para os países da América Latina. Mesmo com as diferenças, o padrão de inserção é subordinado e veio às custas da precarização do mercado de trabalho, um baixo *spillover* que intensifica a especialização e, em vez de superar a heterogeneidade estrutural dos países, mina certas potencialidades.

Assim, a inserção destes países reforça o caráter periférico das economias.

Agradecimentos

Agradecimento ao SAE/Unicamp pelo financiamento do programa PIBIC, o qual viabilizou a pesquisa realizada.

BIELSCHOWSKY, R. (Org.) Padrões de desenvolvimento econômico (1950-2008): América Latina, Ásia e Rússia. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2013, v 2. Conclusão.

CAPDEVIELLE, M. Globalización, especialización y heterogeneidad estructural en México. In: Cimoli, M. Heterogeneidad estructural, asimetrías tecnológicas y crecimiento en América Latina, p. 101-126. CEPAL, 2005.

SARTI, F., HIRATUKA, C.. Assimetrias no processo de internacionalização da economia brasileira no século XXI. In: Lastres, H.M.M. et al (orgs). O Futuro do Desenvolvimento. UNICAMP, Campinas, 2016.